

DRAG QUEENS: PARA ALÉM DA DICOTOMIA MASCULINO/FEMININO

Luiz Davi Mazzei¹
Anderson Ferrari²

Resumo: Este artigo analisa a problematização das dicotomias tidas como naturais, principalmente masculino/feminino e heterossexualidade/homossexualidade. Até que ponto são posições realmente opostas? Assim, buscamos discutir como as fronteiras do masculino e feminino tornam-se difusas na construção da *drag*, acionando algumas entrevistas de *drag queens* disponíveis nos canais do *YouTube*, entendendo essa divulgação como processo educativo e constituidor de sujeitos. Adotamos como perspectiva teórico-metodológica os estudos de Judith Butler, principalmente os que discutem a performatividade de gênero e as dicotomias que marcam nossa sociedade como heteronormativa: uma sociedade que toma a heterossexualidade como norma, classificando as demais formas de expressão como antinorma.

Palavras-chaves: *Drag queens*; Masculino; Feminino; Performatividade.

Abstract: Our article analyzes the discussions on dichotomies considered as natural, especially male/female, heterosexuality/homosexuality. To what extent are these positions opposite? Thus, we seek to discuss how the boundaries of male and female become diffuse in the construction of the *Drag*, based on interviews of *Drag Queens* available on YouTube channels, understanding this disclosure as a process of educational nature and as constituent of subjects. The theoretical-methodological perspective that will guide us are the studies by Judith Butler, mainly those on gender performativity and dichotomies that designs our heteronormative society, that is, a society that takes heterosexuality as the norm, classifying other forms of expression as the anti-norm.

Keywords: *Drag queens*; Male; Female; Performativity.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutor em Filosofia pela Unisinos. Professor do Colégio Universitário Geraldo Reis – UFF, Brasil. E-mail: Idmazzei@gmail.com. Orcid: 000-0002-8656-715X

2 Doutor em Educação pela Unicamp. Tem pós-doutorado pela Universidade de Barcelona/Espanha, professor da Faculdade de Educação da UFJF, Brasil. E-mail: aferrari13@globo.com. Orcid: 000-0002-5681-0753

Introdução

“De dia, Marcelo Souza; de noite, Suzy Brasil”. Foi com essa frase que Jô Soares apresentou a *drag queen* Suzy Brasil no Programa do Jô³. Utilizando as dicotomias dia/noite, Marcelo e Suzy, homem e mulher, Jô Soares deu lugar à curiosidade do que é ser *drag queen*, uma tônica que permaneceu durante toda a entrevista com questões que giravam em torno de como lidar com duas personalidades, com o ocultamento e a revelação e com o gênero masculino e o feminino no trabalho, na família e no grupo social. Marcelo foi mostrando como esse processo foi se constituindo gradualmente e como a dicotomia masculino/feminino é mais fluida e mais tranquila do que se possa imaginar, causando certo espanto e surpresa no entrevistador.

Em outros programas de entrevista, não foi o professor Marcelo Souza o convidado, mas a própria *drag queen* Suzy Brasil, como, por exemplo, em *Ferdinando Show*⁴ e em *Quintas com Quintaes*⁵. Nessas ocasiões, a questão não era mais um homem falando de uma personagem *drag*, tampouco eram as dúvidas e as curiosidades da transformação em *drag* o centro de interesse, mas era a própria Suzy Brasil falando de Suzy Brasil, dando existência à *drag* como se ela tivesse uma vida própria, independentemente de um corpo que a antecede, excluindo o masculino.

Mesmo com essas diferenças de tratamento, o que esses eventos midiáticos reforçaram é um entendimento da *drag queen* como um trabalho, como uma produção artística e como a construção de uma personagem feminina, inicialmente limitada aos espaços de socialização LGBTT e que vem ampliando a atuação para performances nos mais diferentes e diversos contextos sociais. Na tentativa de definir uma *drag*, Maria Teresa Vargas Chidiac e Leandro Castro Ultramari (2004, p. 471) apontam que a “elaboração caricata e luxuosa de um corpo feminino é expressa através de artes performáticas como a dança, a dublagem e a encenação de pequenas peças”.

Tomar as *drag queens* como foco de análise em seus processos de construção e de embaralhamento do que é tido como masculino e feminino é,

3 O “Programa do Jô”, da Rede Globo de Televisão, foi veiculado entre 2000 e 2016. A entrevista com Marcelo Souza, professor de Biologia e performer que dá vida à Drag Queen Suzy Brasil, foi ao ar em 24/5/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OQI3h0-bM14>. Acesso em: 7 jun. 2020.

4 *Ferdinando Show* é um programa de entrevistas do canal Multishow, muito voltado para o público LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJ7xKBmBOxM>. Acesso em: 7 jun. 2020.

5 *Quintas com Quintaes* é um programa veiculado em canal do YouTube, destinado a entrevistar personalidades do Carnaval. A entrevista com Suzy Brasil ocorreu no dia 18/8/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UcliOqM7lvk>. Acesso em: 7 jun. 2020.

sobretudo, um convite para colocarmos sob suspeita os enquadramentos de gênero como algo fixo e imutável. Assim, queremos defender que os gêneros, embora entendidos como separados, permitem diálogo, circulação e transgressão entre eles, sendo as *drag queens* um exemplo dessas possibilidades de subversão à ideia de uma essência e de uma natureza que mantêm a separação entre masculino e feminino como uma fronteira intransponível. Para Joan Scott (2019), o gênero é um organizador social, de maneira que olhamos o mundo de forma generificada. Isso porque somos uma sociedade do enquadramento, resultado das molduras pelas quais apreendemos, classificamos, enquadrados os outros e a nós mesmos como pertencentes a determinadas identidades. Os enquadramentos também nos servem para que consideremos algumas vidas como passíveis de serem vividas e outras entendidas como perdidas ou lesadas (BUTLER, 2018). Para Judith Butler (2019a), os gêneros são as primeiras identidades que nos são atribuídas, antes mesmo de nascermos, sendo os primeiros enquadramentos que fornecem materialidade ao nosso corpo.

Na elaboração do conceito de gênero, as feministas vão combater seu entendimento como algo dado, natural, definido pelo biológico, defendendo que as diferenças entre homens e mulheres se dão no campo social, de maneira que são construções sociais, históricas e culturais. Homens e mulheres vão variar de cultura para cultura, em momentos históricos distintos, assim como vão variar dentro de uma própria cultura. Além desse avanço em entender os sujeitos e seus gêneros como construção, outro ponto de inovação advindo das teóricas feministas é a necessidade de se entenderem os gêneros como relacionais, ou seja, não é possível falar de homens separados de mulheres e vice-versa, sendo a diferença a constituidora da identidade de gênero.

As travestis, as transexuais e as *drag queens* parecem demonstrar como a divisão do mundo em dois gêneros como opostos, como definidos por uma fronteira que não se pode ultrapassar, cabendo aos sujeitos ocuparem um dos extremos, é algo autoritário. As pessoas não são obrigadas a “escolher” pertencer a um ou outro lado da fronteira. Elas podem ultrapassar essas barreiras, ocupar o lado tido como oposto e podem até mesmo não assumir um lado ou outro, mas estar na fronteira, constituindo-se como não binários. Não queremos dizer que travestis, transexuais e *drag queens* são as mesmas identidades. Há diferenças importantes que não podem ser negligenciadas sob pena de um desserviço às pautas políticas de cada um desses grupos, mas também há pontos de aproximação, sendo um deles o aspecto de construção que passa por um investimento no corpo.

Sônia Weidner Maluf (2002, p. 145-146), ao analisar a construção da travesti Agrado, no filme *Tudo sobre minha mãe*, chama atenção para o fato de que, comumente, filmes que se dedicam a personagens que questionam nossas oposições entre os gêneros trabalham com uma certa “tensão entre ocultamento e descoberta (e que se fundamentam em outra tensão: ou se é homem ou se é mulher, e a prova dos nove é o corpo anatômico, substantivo, objetificado)”. Na contramão dessa tendência de ocultamento, a travesti Agrado:

[...] não faz de conta que é mulher e que sempre foi. Sua afirmação pública é feita pela exibição de seu corpo exatamente pelo que ele é: um corpo transformado, fabricado, que aparece e se afirma como corpo fabricado, não um corpo substantivo, objetificado, mas corporalidade, veículo e sentido da experiência. (MALUF, 2002, p. 145-146).

É o caráter fabricado do corpo, num processo lento e gradual que parece marcar o poder em se transformar, o poder do sujeito em construir um corpo e identidade de gênero diferentes daqueles que lhe foram atribuídos. A análise de Sônia Maluf (2002) nos interessa porque a construção da *drag queen* também se dá por um processo de transformação do corpo num processo lento. Anna Paula Vencato (2005), a partir de suas pesquisas com *drag queens* de Florianópolis em seus processos de se montar, também vai trazer para o debate a transformação pelo corpo, estabelecendo uma distinção fundamental entre travestis e transformistas.

Também não me parece que as *Drags* se montem “de mulher”. O fato de não quererem ficar parecidas com mulheres, inclusive, é apontado por elas como um aspecto que as distingue das travestis e dos transformistas. Não são todas as *Drags* que se transformam em sua personagem: a transformação se dá em escalas com grande grau de variação entre uma *Drag* e outra e, mesmo, entre um momento e outro em que se montam. (VENCATO, 2005, p. 232).

É por meio do processo de se “montar” que as *drags* vão dando vida a sua personagem, algo que passa por um investimento de transformação no corpo, de maneira que “é através de uma corporalidade *Drag* que essa personagem pode ser representada e apresentada para o público” (VENCATO, 2005, p. 232). Nosso foco de reflexão, neste texto, vai no sentido de problematizar essa dicotomia que nos é dada como algo pronto e naturalizado. Queremos problematizar até que ponto essas posições são realmente opostas e, principalmente, se esses dois polos cobrem todo o

campo do real que pretendem. Nesse investimento de análise, é o corpo que é entendido como lugar de leitura, de informação, de maneira que a montagem ocorre na transformação de um corpo e seus efeitos nos sujeitos, como aponta Jayme (2001, p. 168):

Travestis, transformistas, *Drag queens* e transexuais são emblemáticos para refletir sobre essa questão já que apesar de desejarem demonstrar que são diferentes entre si, também se aproximam no que se refere à intervenção corporal e aos efeitos dessa intervenção na redefinição de gênero. Essa ação redefinidora de masculinidade e de feminilidade enfatiza uma interpretação de gênero como cultural e processual.

Assim, neste texto, buscamos discutir como as fronteiras do masculino e feminino tornam-se difusas na construção da *drag*, acionando algumas entrevistas de *drag queens* que estão disponíveis nos canais do YouTube, entendendo essa divulgação como processo educativo e constituidor de sujeitos. A perspectiva teórico-metodológica que nos orientará são os estudos de Judith Butler, principalmente aqueles que discutem a performatividade de gênero e as dicotomias que marcam nossa sociedade como heteronormativa, ou seja, uma sociedade que toma a heterossexualidade como norma, classificando as demais formas de expressão como a anti-norma (BRITZMAN, 1996). A performatividade de gênero não é resultado de um ato singular ou deliberado como algo consciente, mas diz de um processo sutil de práticas que são reiteradas fazendo com que o discurso produza efeitos sobre os sujeitos, criando aquilo que nomeia.

Binarismo de gênero e as possibilidades drags

Segundo Vencato (2005), a inquietude e a curiosidade em torno das *drags* se situam na transformação corporal, um momento que envolvia ocultamento e revelação nos espaços das boates. Atualmente, com o fortalecimento da internet como espaço de interesse, divulgação e renda, as *drags* se reinventaram e passaram a utilizar esse espaço como uma forma de ensinar e construir o que é ser *drag*, reforçando o interesse pela transformação, pelos caminhos de intervenção no corpo e na ultrapassagem da fronteira entre o masculino e o feminino. Nessa vontade de descortinar o mistério em torno da transformação, as *drag queens* viraram objeto de investigação, não somente das Ciências Sociais e Humanas, mas também da mídia e do grande público, fazendo que elas estejam em diversos veículos

mediáticos em que a questão parece ser como conciliar ou “misturar” dois gêneros em um mesmo corpo. Há um certo encantamento e reconhecimento do poder das *drags* em ultrapassar as fronteiras dos gêneros, indo e vindo entre o masculino e o feminino.

Se, por um lado, nós temos o interesse dos programas em entrevistar as *drags*, por outro lado, também há o envolvimento delas em criar seus próprios canais na internet, que se caracterizam pelo entendimento da construção da *drag* como resultado de um processo educativo, algo que se ensina e se aprende, reproduzindo um processo que elas já vivenciaram em outros espaços educativos como nas boates, por exemplo. Os canais das *drags* na internet transformam-se em “escolas *drags*”. Nos dois casos, é a transformação de um corpo masculino em feminino que se ensina e se aprende, ou seja, o que as *drags* estão exercendo é o rompimento com o entendimento de gênero como algo fixo, brincando com a fronteira, explorando as possibilidades de passagens e diálogo entre o masculino e o feminino, potencializando a curiosidade, a exuberância, o encantamento em torno de si. Ser *drag queen* é uma possibilidade de existência.

Nesse jogo de criar, divulgar e ensinar a ser *drag*, Lorelay Fox⁶ vai produzindo conhecimento sobre si mesma e sobre o que é ser *drag*, acumulando sucesso na internet, principalmente porque utiliza uma forma didática para ensinar a se montar/desmontar e a conviver com a dualidade dos gêneros, tanto no que se refere à *drag* quanto à homossexualidade. Essa dualidade, que parece marcar as *drags*, volta a aparecer em uma outra entrevista, em que Marília Gabriela⁷ apresenta: “Danilo Dabague é paulista do interior, publicitário, professor de design e Photoshop. Ele também é uma celebridade na internet e no YouTube com milhares de seguidores e milhões de visualizações. Não ele, exatamente, mas sim Lorelay Fox”. Uma apresentação que se inicia com Danilo Dabague, mesmo tendo à sua frente um corpo feminino, não Danilo, mas sim Lorelay Fox, no entanto, parece que Danilo é o corpo “originário”, a base para o surgimento de Lorelay. Esse corpo originário é o domínio do biológico, como se o corpo masculino fosse seu “verdadeiro” corpo, num entendimento de gênero como aquele que é instituído no nascimento e do qual não se pode fugir. Não por acaso, a primeira

6 Lorelay Fox é uma *drag* de São Paulo, responsável por um canal no YouTube com 785 mil inscritos, em que posta vídeos nos quais ensina a se maquiar, a se desmontar, a lidar com a relação com a família, enfim, vídeos que vão desde técnicas para dar vida à *drag* até conversas com a finalidade de acolhimento em que a homossexualidade é a tônica.

7 A entrevista, ocorrida no dia 23/5/16, tem, até o momento do nosso acesso, 253.851 visualizações. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x9zGunMD8DA>. Acesso em: 8 jun. 2020.

pergunta, logo após a apresentação, se organiza por essa lógica binária dos gêneros. Pergunta Marília: “Lorelay, se eu te chamo, curiosidade legítima, de Danilo, isso te causa um desconforto? Uma *drag queen* tem que ter convicção de que é mulher?”; ou seja, o masculino elimina o feminino? Não há possibilidade de convivência entre os dois gêneros no mesmo corpo?

Essa pergunta feita para a *drag* é sobre os domínios do corpo, sobre os controles dos gêneros, sobre nossas relações entre corpo, gênero e performatividade. Uma pergunta que nos remete a outra questão elaborada por Donna Haraway (2019, p. 197), também interessada pelos limites do corpo: “por que nossos corpos devem terminar na pele?”. São os limites do corpo e do que podemos fazer com ele ou a partir dele que as *drags* colocam em circulação. É nessas relações possíveis entre corpo, gênero e performatividade que Judith Butler (2019a, p. 15) nos convida a pensar, quando afirma que a “diferença sexual é muitas vezes invocada como uma questão de diferenças materiais”. A diferença de gênero na *drag* é entendida como a produção das diferenças materiais do gênero, algo que é construído discursivamente no corpo, tomando-o como local de informação. Assim, é na medida em que vai substituindo roupas, objetos, acessórios e formas masculinas pelas femininas, que a *drag* vai surgindo.

A montagem é um exemplo de performatividade, “um movimento que foi considerado, por alguns, o *protótipo* da performatividade. Se a montagem é performativa, não significa que toda performatividade deve ser entendida como *drag*” (BUTLER, 2019a, p. 381-382). Dessa forma, *drag* só existe quando incorporamos essas diferenças que são marcadas e formadas por práticas discursivas dos gêneros, uma forma de conhecer que nos constitui e que serve para que possamos ler, classificar e enquadrar as pessoas em um ou outro gênero. O que Butler (2019a) vai defender é que as diferenças são produções discursivas.

Na nossa organização como uma sociedade do enquadramento, há um certo embaralhamento entre gênero e sexualidade, de maneira que ser homem passa pela necessidade da afirmação da heterossexualidade. Quando um menino se afasta do que é masculino e se aproxima do feminino, outro enquadramento entra em ação, o da homossexualidade, que se dá como uma forma de expulsar o menino do gênero masculino, como se o homossexual não fosse homem. Como a *drag* é uma aproximação do feminino, a homossexualidade é acionada. Ao lembrar e justificar a origem da *drag* Suzy Brasil, na entrevista a Jô Soares, Marcelo narra:

acho que eu tinha uns seis anos... quem começou a me colocar nesta vida foi meu avô. Aquele vô babão, meu avô era detetive. Eu tinha uma vitrolinha vermelha e só colocava Gretchen... Gretchen... Gretchen... ficava ali dançando piri piri... e ele ali, assistindo àquilo e minha mãe gritando “esse garoto vai virar viado...” (Marcelo)

O que define a classificação do “viado” é o fato de o menino se aproximar de algo marcado como próprio do feminino. A aproximação ao gênero feminino, desde muito cedo, sob a vigilância, o controle e a classificação da transgressão como “viado”, conduziu Marcelo para justificar o surgimento da *drag* Suzy Brasil.

O receio da homossexualidade passa pela expulsão do gênero masculino, num embaralhamento entre gênero e sexualidade. Segundo Butler (2019a), o gênero tem a origem na categoria “sexo”, que é entendido como normativo, seguindo a linha de construção de Michel Foucault (1988), que vai dizer que nossa sociedade é organizada por um “ideal regulatório”. Por esse ideal regulatório, o sexo, mais do que ser entendido como uma norma, é também parte de uma prática regulatória que controla, governa e produz nossos corpos. Algo que é atravessado por relações de poder, visto que é resultado de conhecimento e da ação dos outros sobre nós mesmos, um processo que precisa ser repetido e reiterado constantemente.

Que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização nunca está completa, de que os corpos nunca estão suficientemente completos, de que os corpos nunca cumprem completamente as normas pelas quais se impõe sua materialização. De fato, são as instabilidades, as possibilidades para rematerialização abertas por esse processo, que marcam um domínio em que a força da lei regulatória pode voltar-se contra si própria, gerando rearticulações que ponham em causa sua força hegemônica. (BUTLER, 2019a, p. 15-16).

O que estamos defendendo é que o processo de ser *drag* ou o “*devenir drag*”, como prefere demarcar Vencato (2005), está inscrito nessas possibilidades de rematerialização dos processos de normatização, sendo uma força que se volta contra si mesma. Com isso, não queremos dizer que haja um corpo masculino originário que, primeiramente, se apropria do feminino para, depois, subverter tanto o gênero masculino quanto o feminino, mas, sim, que a *drag* é, ao mesmo tempo, apropriação e subversão. Segundo Butler (2019a, p. 220), a prática *drag* diz de uma desestabilização do próprio gênero, “desestabilização essa que é desnaturalizada e que põe

em causa as pretensões de normatividade e originalidade por meio das quais às vezes operam gênero e opressão sexual”.

Ao mesmo tempo que a *drag* subverte a norma e circula entre os gêneros, ela é a incorporação da norma, só existe como demonstração da leitura e da constituição dos sujeitos pela norma. Quanto mais incorporada é a norma, maior garantia de passibilidade para a *drag*, passibilidade que diz respeito à capacidade de construir uma personagem “autêntica”, capaz de produzir efeitos de “naturalização” do que é ser mulher naqueles que participam da montagem como expectadores. Essa passibilidade autêntica e naturalizada só parece possível na medida em que a norma seja incorporada tanto por aquele que dá vida à *drag* quanto para os que estão participando da montagem e para quem a montagem é direcionada. Essa talvez seja a origem da admiração como efeito no outro, naquele que vê e participa da transformação, ou seja, a admiração está na transformação de um corpo que não é limitado, que, mesmo sabendo que é biologicamente masculino, não traz indícios dessa masculinidade, que embaralha os limites entre os gêneros. O binarismo de gênero parece sustentar o binarismo da sexualidade, afinal, em uma sociedade heteronormativa, ser homem ou ser mulher é ser heterossexual, de uma forma que a homossexualidade vai se constituindo como fora da norma. Quando o homem se aproxima ou vivencia o espaço feminino à perfeição, com uma passibilidade que convence, ele parece revelar um desejo de ser mulher, fazendo com que esse homem seja classificado como homossexual. São esses dois binarismos que mantêm nossa sociedade como heteronormativa.

A heteronormatividade dicotômica

As *drags*, quando ultrapassam a fronteira do gênero e se aventuram na montagem de um corpo feminino, também acionam outro enquadramento: a homossexualidade. Os discursos de homossexualidades se ligam à manutenção da nossa sociedade como heteronormativa, na medida em que são transformados em algo excêntrico, “estilo de vida”, diferente, enfim, adjetivos que não visam à exclusão da homossexualidade, mas sua colocação como margem, mantendo e reafirmando a heterossexualidade como norma. A sociedade heteronormativa tal como a vivenciamos hoje é pausada por essa lógica binária e excludente, em sua essência: a heterossexualidade como norma e a homossexualidade como antinorma. Nessa lógica

dicotômica, o entendimento do senso comum é de que tudo passa por escolhas, trabalhando com a lógica do “ou”, afastando-se da lógica do “e”.

Em cada escolha que fazemos, há uma não escolha que delimita o campo de nossa escolha, circunscrevendo os seus domínios. Essas escolhas entre opostos (ou pseudo-opostos) podem ser observadas nos mais diferentes aspectos de nossa vida social, por exemplo: direita ou esquerda, no campo político; público ou privado, no campo econômico; homem ou mulher, nas relações de gênero; heterossexualidade ou homossexualidade, na sexualidade. A possibilidade de ser ou estar homem “e” mulher não está posta. Tais posições se apresentam, são ensinadas e aprendidas (ou nos são impostas) como mutuamente excludentes, de forma que sua existência e complementaridade representem todo o espectro do real. Assim, somos convocados a fazer uma escolha, como no caso da política, ou mesmo a nos entender a partir dos discursos desses binarismos que nos constituem antes mesmo de nascermos, como no alinhamento entre gênero e sexualidade.

Chamou nossa atenção, quando iniciamos estas reflexões, um ritual que vem ganhando força nos últimos tempos: o chá de revelação. Nesses eventos, a família e amigos se reúnem para saber se o bebê que está por nascer será menino ou menina. Se for menino, ao longo do evento, será revelado um balão azul (já vimos casos em que sai uma fumaça azul, em que o interior de um bolo é azul) e, se for menina, o balão será rosa. Cria-se um anticlímax que precede tal revelação, como se essa característica fosse determinante e definitiva para o indivíduo que ainda está por nascer. Essa cerimônia, rodeada de pompa e circunstância, “revela” o gênero ao qual o bebê pertencerá, ou seja, há uma atribuição da identidade de gênero, antes mesmo do nascimento (BUTLER, 2019a). O fato de ser menina implica, além do acesso a um universo de cores, roupas e decorações associadas ao feminino, a impossibilidade de acesso ao universo associado ao masculino.

Na construção dos sujeitos generificados, não basta esse anúncio preceder o nascimento, há necessidade de um investimento sutil e repetitivo ao longo da vida para que esses corpos assumam os papéis atribuídos como masculinos ou femininos. É esse jogo de saber-poder em torno da construção dos gêneros que Judith Butler (2019a) vai explorar para afirmar que os gêneros são resultados de atos performativos. A necessidade de saber ou de revelar o gênero como algo definidor do corpo e do sujeito tomou tanta dimensão na nossa sociedade que foi transformada em espetáculo, em festa, em momento de disputa, dando origem, por exemplo, ao “chá de revelação”.

Ao saber, no chá de revelação, que a criança que nascerá “é” um menino, os pais já preparam toda a situação para que o bebê assuma as características relacionadas ao masculino e “seja” um menino “de fato”. Se o bebê for menina, o processo é idêntico na construção de um ambiente no qual o bebê assuma as características femininas. As coisas (cores, roupas, brinquedos, decoração) que servem para uma menina são “proibidas” caso o bebê seja menino, ou seja, estabelecem-se a dicotomia e a lógica binária, as quais pautam o modelo heterossexual, mas, sobretudo, práticas e discursos pautados em conhecimento que nos educam e que vamos colocando em circulação, reafirmando, reproduzindo, de forma sutil, mas nem sempre eficiente. Há sempre a possibilidade de reelaboração dessa trajetória de construção do corpo, sexo, gênero e sexualidade como algo dado.

O discurso heterossexual adota, assim, uma postura dicotomizadora. O filósofo Marcelo Dascal, ao analisar os discursos no campo da ciência, destaca que pode haver uma postura que busque a dicotomização ou a desdicotomização. Dascal (2009, p. 95) define dicotomizar como “radicalizar uma polaridade enfatizando a incompatibilidade dos polos e a inexistência de alternativas intermediárias, enfatizando o caráter óbvio da dicotomia e do polo a que se deveria dar preferência”.

O discurso binário trabalha com a inclusão a partir da exclusão: o fato de ser homem implica não ser mulher (e não ser mulher implica negar todos os atributos e qualidades que são historicamente identificadas com o feminino). Butler (2019a, p. 18) diz que “a matriz excludente pela qual os sujeitos são formados requer a produção simultânea de seres abjetos, aqueles que ainda não são ‘sujeitos’, mas que formam o exterior constitutivo do domínio do sujeito”. A existência de dois polos opostos faz que, nessa prática dicotomizadora, o sujeito de um deles não seja aceito como sujeito no outro – existir em um dos polos é ter sua existência negada no outro. Entretanto, a negação desses sujeitos pelo polo oposto é essencial para que os indivíduos se constituam enquanto sujeitos e estabeleçam os limites de seus domínios. A dicotomização fortalece a ideia da inexistência de alternativas intermediárias entre os polos, enfatizando a complementaridade entre eles. Ainda que o feminino não se enquadre no masculino, sua presença enquanto polo complementar é essencial para estabelecer os limites e domínios de cada uma dentro das práticas discursivas heterossexuais. Toda essa problemática está na constituição da *drag*, despertando curiosidade, encantamento, mas também repulsa, negação.

Na entrevista de Suzy Brasil ao programa do Jô, Marcelo Souza, ao falar sobre sua infância, deixa-nos entrever a lógica binária e excludente quando relata que sua mãe dizia que ele “iria virar viado”, ao vê-lo ouvindo as músicas da Gretchen e dançando. Se o menino Marcelo não ficasse restrito aos limites do domínio aceito como masculino, ele deixaria de “ser homem”. O campo de domínio do masculino não permite, nessa lógica, qualquer flexibilização de seus limites. A homossexualidade também aparece na entrevista de Lorelay Fox a Lilian Pacce, intitulada “Lorelay Fox já nasceu *drag*?⁸”, como um certo “medo” ou receio dos familiares quando descobrem que o filho se montava como *drag queen*: “quando eu comecei a me montar, eu já tinha contado para minha mãe que eu era gay. Até aí tudo bem, minha mãe aceitou de boa. Mas aí, quando você conta que você é gay, seus pais falam assim: ‘você pode ser gay, mas você só não pode ser uma bichona’. O povo tem aquele medo, ou que vai sofrer preconceito, que todo mundo vai ficar comentando. O povo não quer que você seja o máximo do estereótipo gay e a *drag* é o máximo do estereótipo gay”.

O receio e o medo da homossexualidade são dos outros. A homossexualidade não é um problema para a *drag*, muito pelo contrário, ela é entendida como parte da sua construção e origem. Continuando a entrevista, Lilian Pacce pergunta: “você nasceu *drag*? Você acha?”. Buscando responder sobre a origem da *drag*, Lorelay responde: “eu acho que sim. Com a *drag* eu encontrei o ponto de convergência de tudo que eu sempre gostei na minha vida. Eu acho que a *drag* tem essa potência. Desde criancinha, desde os três anos de idade, eu já gostava de desenhar e pra mim a *drag* é um desenho no meu rosto. A gente sempre gosta de moda, a gente que já nasce gay assim, né? Sempre gostei de moda e acho que a *drag* também tem um ponto de convergência dentro disso. E sempre gostei de me comunicar muito. E aí sendo *drag* e dentro do YouTube eu consegui juntar tudo isso que eu sempre gostei”. Para Lorelay, ela nasceu *drag* porque ela nasceu gay. A justificativa da origem da *drag* está na homossexualidade, mas também na construção de um entendimento de homossexualidade como essa aproximação ao feminino em meio à dicotomia masculino e feminino; heterossexualidade e homossexualidade.

Essa prática dicotomizadora é adotada ao tratar da polarização masculino/feminino, na qual pertencer ao sexo masculino implica não apenas adotar o código implícito e historicamente construído sobre o que é ser

8 A entrevista na íntegra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ght3-tOJvel>. Acesso em: 25 jun. 2020.

homem, mas, simultaneamente, negar sua identificação com tudo aquilo que remeta ao feminino, enfatizando, assim, não somente o caráter polarizado dessa dicotomia, mas, sobretudo, a incompatibilidade entre os polos. De acordo com Dascal (2009), essa estratégia dicotomizadora não é recente, tem origem platônica.

O método platônico da divisão (diáresis), que colocou o uso de dicotomias em um lugar central como ferramenta epistêmica e metafísica, continua sendo, até hoje, um instrumento que é parte integrante do pensamento e da argumentação filosófica. (DASCAL, 2009, p. 87).

O discurso dominante assume para si um dos polos da dicotomia, enfatizando as diferenças e buscando salientar as qualidades do polo assumido. Na entrevista a Lilian Pacce, essa dicotomia entre os gêneros aparece quando a pauta é a montagem da *drag*. Diz a entrevistadora: “Vou fazer um parêntese, na vida real, você é muito básico”. A afirmação é confirmada por Lorelay, ao falar dessa separação entre o básico e o exuberante, entre o masculino e o feminino, entre Danilo e Lorelay: “eu sou. Eu sou muito básica. Eu acho que a *drag* tem todo o exagero que eu não levo na minha vida, sabe?”. Podemos observar os efeitos dessa estratégia de salientar as qualidades do gênero oposto quando nos debruçamos sobre a feminização dos comportamentos homossexuais. Com frequência, ouvimos frases como “nada contra ser gay, mas precisa usar roupas femininas?” ou “não precisa dar pinta para ser gay, pode ser gay e manter postura de homem”.

O polo a partir do qual a heterossexualidade se impõe (ou tenta se impor) é o masculino, o que implica, além de reforçar as supostas diferenças existentes e tratar de reforçar a (pseudo) incompatibilidade entre masculino e feminino, exacerbar a superioridade do masculino sobre o feminino. Tal como a gíria “poc” identifica os homossexuais masculinos que adotam posturas, vestimentas e acessórios femininos, também há uma expressão que designa os homossexuais masculinos que atendem ao estereótipo masculino heteronormativo: são “moleques posturados”. Essa expressão chamou nossa atenção quando observamos o Twitter: há um grande número de homens que se identificam como heterossexuais buscando uma relação com outro homem. Essa relação, chamada de “brotheragem”⁹, pode ser

9 A palavra “brotheragem” é uma criação a partir da mistura entre duas palavras: brother e sacanagem, servindo para definir que são homens que estão procurando sexo com outros homens dentro do estereótipo masculino. “Brother” é uma gíria muito utilizada entre homens heterossexuais ao se referirem uns aos outros. Assim, “brotheragem” seria uma sacanagem entre irmãos, entre iguais.

somente uma masturbação mútua (“mão amiga”), ou envolver sexo oral e sexo com penetração. Esses homens se identificam como “posturados”, isso é, têm a postura usualmente associada a homens heterossexuais. Esses posturados, muitas vezes com namoradas ou esposas, dizem, em seus *posts*, que querem sexo com outros homens heterossexuais, posturados, no sigilo¹⁰. Quanto mais posturado, mais fácil a sua aceitação pela sociedade heteroimpositiva cujas regras parecem estar reproduzidas nessas relações.

A montagem des-dicotomizante das *drag queens*

Fora do campo e dos domínios da heterossexualidade, habitam indivíduos para os quais as dicotomias assumidas como essenciais são subvertidas, expondo, assim, a fragilidade dessa polarização. Dascal (2009, p. 95) define des-dicotomizar como “mostrar que a oposição entre os polos pode ser construída como uma oposição menos vinculante em termos lógicos do que uma contradição, admitindo, assim, alternativas intermediárias; desenvolver ou exemplificar efetivamente tais alternativas”. Nessa perspectiva, des-dicotomizar significa admitir que os limites entre os polos não são tão definidos e, principalmente, que os dois polos não cobrem toda a realidade, tal como a postura dicotomizadora assume.

A existência de indivíduos masculinos que assumem papéis femininos por si só não é suficiente para expor a fragilidade da dicotomia masculino/feminino. O “simples” fato de homens se vestirem de mulher pode até mesmo ser visto como uma forma de reforçar a dicotomia, pois ainda mantém a lógica dual, entretanto, sujeitos que transitam entre os polos, ora assumindo personalidade masculina, ora assumindo o feminino, sem necessariamente se filiar permanentemente a um dos polos da (suposta) dicotomia, colocam em xeque a polarização. Para Stuart Hall (2019, p. 10), a identidade não é singular e “é definida historicamente, e não biologicamente”, essa construção histórica da(s) identidade(s) guarda relação com a fragmentação estrutural da sociedade moderna, mais evidente no final do século XX.

Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2019, p. 10).

10 Um exemplo é o perfil identificado como Lucas: “RJ- 20 anos, curto Brotheragem, Sigilo, Posturado (não curto afeminado nem assumido, nada contra). Brota na DM.”

Essa fragmentação fica evidente quando a *drag* Suzy Brasil, por exemplo, refere-se ao Marcelo. Há dois indivíduos, masculino e feminino, dividindo o mesmo corpo. A identidade da pessoa Marcelo coabita o corpo com a identidade de Suzy.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações vão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (HALL, 2019, p. 12).

Se, tal como a estratégia heteronormativa dicotômica preconiza, assumir o polo masculino exclui a possibilidade de identificação com o feminino, o trânsito entre os polos não seria possível. A montagem *drag queen* explicita, assim, o fato de tal polarização ser uma criação que serve aos interesses do polo “dominante”. Deixa claro, também, que há alternativas intermediárias entre o masculino e o feminino a serem exploradas. Reconhecer que as situações que se apresentam como dicotomias (ou que nos são apresentadas como tais) na maioria das vezes não o são, não implica negar a oposição entre elas. Significa que os polos apresentados não são excludentes e que tampouco cobrem todas as possibilidades, permitindo a exploração de alternativas intermediárias. De acordo com Juliana Gonzaga Jayme (2001, p. 168), “por meio de uma atuação que denominam *montagem*, travestis, transformistas, *drag queens* e transexuais reconstroem gêneros, revelando que essa categoria não possui uma categoria binária, antes, refere-se a multiplicidades”.

As *drag queens* transitam de um polo ao outro, explorando, nesse transitar, as alternativas intermediárias. Para Jayme (2001, p183),

transformistas e *drag queens* brincam com essa construção e, simultaneamente, com o tempo. De dia constrói-se um corpo masculino que pode ter barba, camisas largas, sapatos baixos. A noite é momento da elaboração do feminino [...] grandes e altos sapatos equilibrados por pernas que não exibem mais pelos, mas meias.

Esse brincar com o gênero e com o tempo, esse movimento de ir do masculino de dia ao feminino à noite, o livre transitar entre os gêneros

expõe o caráter construído da dicotomia masculino/feminino e, portanto, suas possibilidades de desconstrução e reelaboração. A pretensa incompatibilidade entre os polos, assim como sua complementaridade, que sustenta essa estratégia dicotômica adotada, indica que essa é uma construção histórica e social, não uma incompatibilidade natural, como no discurso heteronormativo vigente. Butler (2019b) afirma que o gênero é performativo, uma representação. Ainda que essa representação se dê no âmbito de uma lógica binária, dicotômica, essa performatividade tanto reproduz e constrói quanto subverte e reconstrói essa lógica.

O gênero é induzido por normas obrigatórias que exigem que nos tornemos um gênero ou outro (geralmente dentro de um enquadramento estritamente binário); a reprodução do gênero é, portanto, sempre uma negociação com o poder; e, por fim, não existe gênero sem essa reprodução das normas que no curso de suas repetidas representações corre o risco de desfazer ou refazer as normas de maneiras inesperadas, abrindo a possibilidade de reconstruir a realidade de gênero de acordo com novas orientações. (BUTLER, 2019b, p. 39).

Nesse sentido, a montagem das *drags* subverte algumas normas vigentes, especialmente em relação à lógica binária de adoção de uma identidade única. Por exemplo, quando Lorelay Fox se refere à sua performance enquanto Danilo, ela compara os guarda-roupas: Danilo usa roupas em escala do branco ao preto, passando pelo cinza. “Eu adoro organizar minhas camisetas em ordem de cor: é do branco, cinza, preto”. Parece evidente que Danilo, a quem Lorelay se refere como sua “vida real”, tem gostos, preferências e estilos muito diversos de Lorelay. Por exemplo, Danilo adora usar barba, coisa que, para Lorelay, não serve (ainda que haja um grande número de *drags* com barba). A montagem assume, assim, a incorporação de uma nova identidade, que vai muito além das roupas e maquiagens: o trânsito entre o masculino e o feminino se dá de maneira “incorporada”, ou seja, o corpo evidente é o reflexo da persona que o habita. Embora no vídeo tanto Lorelay quanto Lilian Pacce, a apresentadora, refiram-se à vida diurna – Danilo – como a vida real, isso não torna a vida noturna – Lorelay – menos real: tanto que é Lorelay quem concede a entrevista.

Assim, o transitar permanente das *drags* entre o masculino e o feminino, o viver em trânsito, expõe as limitações que o discurso heteronormativo procura esconder. Elas deixam claro, com suas performances, que a adoção de uma posição (masculina ou feminina) não é necessariamente uma

opção permanente. Essa ideia de “montar” o corpo associada à construção de sua identidade pode ser encontrada no refrão da música “Born Naked”, de RuPaul¹¹, em que ela diz: “*who you think you are? Who you think you are? I’m telling the truth now. We’re all born naked and the rest is drag*”¹². Na música, RuPaul não pergunta quem a pessoa é, mas qual ideia ela tem de si, tratando da identidade como uma construção, não como algo que nos é dado. Ao perguntar qual a ideia que a pessoa tem de si, podemos supor que está implícita a ideia de que somos aquilo que pensamos de nós mesmos. Nossa identidade não nasce conosco, nascemos “nus”, sem rótulos, sem identificações. Vamos nos fazendo sujeitos à medida que vamos nos pensando, vamos nos criando.

Além disso, ao referir que todos nascemos nus e o resto é *drag*, podemos entrever a ideia de que todos temos um corpo e o resto nós montamos – como as *drags*. Nossa corporeidade é nua, e vamos nos montando conforme a ideia que temos de nós mesmos e o que queremos ser/fazer/representar. De uma maneira similar, Lorelay faz referência a isso quando ela diz: “A montagem começa pela idealização de qual que é o meu destino. Eu sempre me monto com um propósito”. O gênero, assim como as demais características de nossa personalidade, pode, nessa perspectiva, ser “montado” ou, como diz Butler (2018), uma performance, excluindo, assim, a necessidade de aceitarmos a lógica dual e dicotômica que nos é imposta como ‘normal’ ou ‘natural’.

Considerações finais

Ao longo deste texto, buscamos trazer ao debate a naturalização da dicotomia masculino/feminino que nos é dada como natural desde o nascimento. Apoiados nos estudos de Judith Butler, voltamos nosso olhar ao universo das *drag queens*, especialmente as que fazem uso dos recursos de mídia – televisão, YouTube, *blogs* – para se comunicar e interagir com o grande público. A partir de entrevistas e postagens, fomos percebendo a construção, o incorporamento de duas personalidades distintas em um mesmo corpo. A possibilidade de homem e mulher habitarem um mesmo corpo é um ponto que chama atenção nas entrevistas e nos programas utilizados como objeto de análise. Esse foi um dos principais pontos de surpresa

11 Born Naked é o sétimo álbum de RuPaul – ator, cantor, produtor, considerado a drag queen mais bem-sucedida comercialmente dos Estados Unidos –, lançado em fevereiro de 2014 e disponível nos aplicativos de música, tais como Spotify, Google Play música, YouTube Music e outros.

12 Em tradução livre: “Quem você pensa que é? Quem você pensa que é? Estou lhe dizendo a verdade agora. Nós todos nascemos nus e o resto é drag”.

dos entrevistadores e foi uma questão quando a entrevista era feita por um ou uma profissional reconhecidamente heterossexual, sendo que o mesmo não ocorria quando a entrevista ou a participação da *drag* acontecia em um programa voltado para o público LGBT. Nesse último caso, a transformação e o trânsito que ocorrem do masculino ao feminino na montagem *drag* não eram uma questão, sendo o mais importante a *drag* em si, sua performance no palco. Nosso investimento, então, se deu no sentido de provocar a reflexão tanto sobre a naturalização da “obrigação” que nos é imposta pela filiação a um dos gêneros quanto sobre a perenidade dessa filiação. O universo *drag* embaralha, desconstrói, subverte os limites entre esses polos da dicotomia. A partir de sua montagem, as *drags* mostram que as fronteiras entre os gêneros não só estão indefinidas, como também são fronteiras “abertas”, que permitem o livre trânsito entre o masculino e o feminino.

A lógica dual heteronormativa imposta como norma a ser seguida (e, portanto, tida como o normal) é subvertida, não consegue se sustentar frente à fluidez de gênero e à construção de novas identidades em um mesmo corpo. O feminino e o masculino, tomados como base para o discurso dicotômico, apresentam-se, assim, como não excludentes, o que expõe a falácia da dicotomia apresentada.

A presença de *drags* na mídia, ocupando espaços de comunicação e divulgação (além das boates e clubes) nos quais falam sobre seu universo, sobre o processo de construção de si enquanto sujeitos, do livre transitar entre o masculino e feminino, constitui um espaço de resistência e enfrentamento do discurso excludente, dual e dicotômico, principalmente em um país como o nosso no qual de acordo com Wanderlei Preite Sobrinho (2019) “dados tabulados pelo ex-coordenador da Diretoria de Promoção dos Direitos LGBT do Ministério dos Direitos Humanos, Júlio Pinheiro Cardia, entregues à Advocacia Geral da União no final de 2018 mostram que ocorre, no Brasil, uma morte por homofobia a cada 16 horas”.

Referências

BRITZMAN, D. P. O que é essa coisa chamada amor, identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 71-96, 1996.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições, 2019a.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019b.

CHIDIAC, M. T. V.; OLTRAMARI, L. C. Ser *Drag Queen*: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 471-478, 2004.

DASCAL, M. O método platônico da divisão: vantagens e perigos. In: AZAMBUJA, C. et al. (org.) **Os gregos e nós**: homenagem a José Nedel. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JAYME, J. G. **Travestis, transformistas, drag queens, transexuais**: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MALUF, S. W. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero nas margens. **Revistas de Estudos Feministas**, Florianópolis, v.10, n. 1, p. 143-153, 2002.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SOBRINHO, W. P. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório. **UOL**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3pTKQx8>. Acesso em: 8 out. 2020.

VENCATO, A. P. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 227-247, 2005.

Recebido em junho de 2020.

Aprovado em outubro de 2020.